

STARCRRAFT  
HEART OF THE SWARM

# CASA DE GELO

Por Michael O'Reilly e Robert Brooks

BILZARD  
ENTERTAINMENT

***Há muitos caminhos para a morte. Só há um caminho para a vitória. — Preceito Nº 1 da Casa de Gelo***

Gabriel Feltz não conseguia respirar. O ar reciclado fedia a lixo quente, piorando cada vez que os outros vinte e quatro pobres coitados no porão exalavam. Estavam deitados no chão duro no escuro, sentindo o casco da nave tremendo suavemente. Gabriel não conseguira dormir mais que alguns minutos nos últimos dias.

O tremor terminou com um baque que fez alguns passageiros gritarem. As portas se abriram e a luz entrou. Seria algo bom, não fosse o jorro de ar frio que veio junto e os atingiu como um golpe físico, cobrindo a pele e apertando a garganta. Não parecia haver nada lá fora além de luz e cheiro da neve.

Então uma sombra grande se adiantou e ficou postada entre as portas. Todos sabiam do que se tratava. Dois metros de altura e com o porte de uma estátua, uma arma enorme nas mãos. Apontou o rifle e gritou.

— Todo mundo levantando! Quarenta segundos até vocês congelarem! Vamos!

Gabriel se arrastou com o resto, protegendo os olhos do gelo. Ele gritou quando seus pés deixaram a rampa e pousaram em 30 cm de neve. Mais guardas em armadura de combate conduziam os prisioneiros em direção a um conjunto de portas enormes que se abriam como a bocarra do inferno. Um pouco de calor emanava daquela entrada, e o grupo se dirigiu para lá.

Quando as portas se fecharam, as luzes iluminaram seu novo lar. Certamente o lugar fora construído pelo homem: de aço, repleto de fios, um corredor seguindo mais para dentro de onde quer que estivessem. Um guarda bradou um comando e eles se moveram até chegar a outra porta. Além dela, um salão grande o suficiente para comportar quinhentos homens.

— Façam fila! — gritou o guarda. — O diretor vai inspecioná-los!

O diretor Kejora ficou bem no meio da Central de Comando, mãos atrás das costas, olhando para as dúzias de telas à sua frente. Elas mostravam os recém-chegados. Ele não foi com a cara de nenhum deles. Não era uma surpresa. Uma pequena porcentagem da humanidade era resistente à ressocialização, e seu programa só recebia os refugos daquele grupo: piratas, arraia miúda, assassinos. Talvez um ou dois dissidentes políticos.

Não pela primeira vez ele considerou fuzilá-los todos, mas aquele não era seu trabalho. O imperador Mengsk queria exterminadores e, por deus, ele teria exterminadores.

— Fale sobre aquele ali - disse Kejora, apontando. — O sétimo da fila.

Era um jovem subnutrido e baixo, pouco mais que um garoto. A cabeça e os ombros nus estavam marcados com queimaduras ácidas, e os braços, com cicatrizes. Os olhos que encaravam do rosto desgastado eram como os de um protoss, arregalados, sem trair emoção alguma.

Um dos analistas, um suboficial, respondeu: — Recruta Samuel Lords, vinte e dois anos. Múltiplos registros de agressão, uso impróprio de equipamento militar e destruição de propriedade militar. Seis acusações de assassinato. O perfil psicológico dele é uma tremenda leitura, senhor.

— Imagino. Qual a história das cicatrizes?

— As feridas na cabeça aconteceram em um mundo dominado pelos zergs, senhor. Ele foi um dos primeiros a descer para enfrentar um aglomerado de colmeias. A operação não foi bem planejada: o esquadrão inteiro foi atingido por biotoxinas zergs. De alguma forma ele sobreviveu. As outras marcas são autoinfligidas.

Kejora deu zoom na tela para ver melhor as teias de tecido arruinado na cabeça de Lords, pensando na ficha corrida do rapaz. Quem poderia dizer quantas sinapses tinham sido banhadas em veneno alienígena, transformando o guri em um golem? O treinamento diria quão útil ele poderia se tornar. O diretor saiu do modo zoom e voltou-se para os outros prisioneiros.

A maioria dos novos prisioneiros mantinha o olhar fixo adiante ou no chão. Alguns olhavam para os guardas de forma desafiadora. Mas um par de olhos ia de um canto a outro, à beira do pânico.

Kejora jamais vira alguém tão aterrorizado no salão. — Quem diabos é aquele? Vigésimo da fila.

Os técnicos voltaram-se aos seus computadores, mas depois de vários minutos, nenhum deles respondeu. Ele se virou e viu três deles inclinados diante de uma tela.

— O que foi?

— Quase nada, senhor. O nome é Gabriel Feltz, apanhado em um posto avançado de colonos. Não tem ficha criminal, nenhum detalhe, nenhuma observação sobre aptidão neural.

Kejora franziu o cenho. Não seria a primeira vez que algum burocrata se embananava com a papelada. — Mande um pedido para Korhal. Precisamos de mais do que isso.

— Vai demorar pelo menos um dia para retornarem. Tiramos o Feltz da fila?

— Não. Me deixe falar. — Depois de alguns cliques, a luz amarela em frente ao microfone no meio da Central acendeu.

A voz de Kejora ecoou no salão. — Bem-vindos ao sistema Tórus, prisioneiros. Vocês estão aqui porque ninguém mais na galáxia inteira quer ter nada a ver com vocês. Esta é sua última chance de se tornarem úteis para a Supremacia. Há umas poucas regras aqui, que podem ser resumidas em um único conceito: vocês se tornarão exterminadores, ou morrerão. Façam o que for preciso.

**Coluna lateral: *A vitória vale qualquer preço. O preço é sempre alto.* — Preceito Nº 2 da Casa de Gelo**

Calafrios se espalharam pela fila de prisioneiros, como sempre. Kejora nunca deixava de apreciar aquilo.

— O treinamento começa depois do próximo ciclo de repouso. E termina quando eu mandar. — Ele fez uma pausa e terminou dizendo: — Bem-vindos à Casa de Gelo.

Os guardas conduziram os prisioneiros para outro conjunto de portas, mais para dentro do complexo.

Os guardas não entraram com eles, e as portas pesadas se fecharam. Alguns dos prisioneiros olharam ao redor procurando os guardas. Robôs mais altos que um homem estavam posicionados nas alcovas ao longo do corredor, blindados e armados com canhões gauss gêmeos. Eles não se moviam, mas Gabriel imaginava que se atiriam a qualquer momento, locomovendo-se sobre as rodas.

Nenhum dos prisioneiros parecia interessado em testá-los.

Uma delicada voz feminina falou. Alguns reclamaram, rogando praga às adjutoras. A voz lhes deu as boas-vindas formais às instalações de treinamento de exterminadores e disse esperar

que eles se tornassem contribuidores dignos da causa da Supremacia. O jovem com a cabeça lacerada deu uma risada cínica ao ouvir aquilo.

A adjutora descreveu animadamente a instalação como se estivesse lendo o prospecto de uma agência de turismo. Quase fazia o lugar parecer atraente, mas não era preciso olhar muito longe para ver os sinais feios do que estava por vir. O ar era seco e frio, mas algo cheirava a cozido. Havia uma mancha vermelha seca em uma parede... era fácil adivinhar do que se tratava.

A sensação de estarem sendo observados era palpável. Gabriel olhou para cima e viu aglomerados de sensores espalhados pelo teto — detectores de movimento, sensores térmicos, câmeras, sabe-se lá o que mais. Privacidade já era.

Finalmente chegaram aos dormitórios. Era uma seção repleta de celas, e não estavam vazias. Uma centena de homens que deviam ter chegado fazia apenas algumas horas apareceu para receber os recém-chegados.

Gabriel sabia que não seria um encontro agradável. Ele tentou passar despercebido. Sem dúvida alguém seria interpelado, desafiado e usado de exemplo para os demais. Como se em resposta aos seus pensamentos, um homenzarrão veio gingando na direção dos novos prisioneiros, sorrindo feito um crocodilo.

— Mas que que é isso aqui? — disse uma voz grosseira.

Todos olhavam para a vítima que o brutamontes escolhera: o garoto com as marcas. O homenzarrão ainda sorria daquela maneira reptiliana; estava louco de vontade de esmurrar, mas queria brincar um pouco antes.

— Cê é de onde, putinha?

— Num sei. — Nada de medo. Nem emoção alguma.

— "Num sei" — imitou o grandalhão, provocando gargalhadas cruéis. — E teu nome? Tu é tão burro que não sabe nem o próprio nome?

— Lisca.

Gabriel sentiu um comichão nos braços.

**Coluna lateral: *Os detentos precisam pagar o preço da própria sobrevivência.* —  
Preceito Nº 3 da Casa de Gelo**

— Ah, é? Cê é tipo uma mutalisca? Olha só pra ele. Acho que ele precisa dum nome novo. Que tal *Putalisca*? Seu rato... Ei, que...

Gabriel não viu o que o grandalhão viu, mas os outros sim, e ninguém estava rindo. Foi então que o garoto fez sua jogada. Deu um soco forte no estômago do brutamontes, que se inclinou para frente. Uma série cruel de chutes no flanco derrubou o homem, que ficou estatelado, gemendo fracamente.

O garoto olhou em volta, sorrindo. Era um sorriso hediondo, com dentes afilados e a gengiva descamada. Um sorriso de monstro.

— Só "Lisca".

O ciclo de repouso não durou muito. Um alarme soou em seus ouvidos até todo mundo sair das celas.

Eles foram conduzidos até a cantina, onde uma máquina cuspiu a primeira refeição: uma horrenda pasta de nutrientes junto com sabe-se lá o que mais. Não tinha gosto de nada, não satisfazia, mas foi tudo o que receberam. Um detento maior tomou a tigela de Gabriel quando ele mal havia dado duas colheradas. Gabriel decidiu não criar caso.

Ninguém chegou perto de Lisca enquanto ele comia; a gororoba escorria dos vãos entre seus dentes.

A adjutora os convidou a voltarem ao saguão, que fora convertido em uma pista de corrida — imaginada por um sádico. Os detentos foram instruídos a correr, saltar, dobrar-se, esticar-se, de novo e de novo. Algumas torres de artilharia os mantinham em movimento.

O primeiro dia terminou, deixando a todos estendidos no chão, exaustos, abatidos, ansiando por descanso.

la piorar.

Os dias tornaram-se um borrão. Não havia um ciclo coerente. A hora de dormir vinha quando a adjutora desejava. A comida nunca mudava, mas o treinamento, sim.

Não era que as máquinas controlassem a Casa de Gelo. A Casa de Gelo *era* uma máquina. Cada sala continha algum tipo de robô, dos quais muitos eram devotados a apenas um aspecto do treinamento. Os robôs assumiam a forma de alvos móveis, parceiros de luta para técnicas de combate, obstáculos. Não havia moleza nem leniência; nada era facilitado para os detentos.

Os piores dias eram nas jaulas de simulação. Cada detento era levado a uma estrutura em formato de caixão formada por bulbos, fios e presilhas, e a adjutora os convidava a deitar lá no meio. Não era possível recusar o convite.

O que se seguia era simplesmente um pesadelo. Luzes e sons eram enviados diretamente ao cérebro do detento, para causar emoções. Gabriel ficava deitado em um dos dispositivos e seus sentimentos eram dedilhados feito as cordas de um instrumento. Ele sentia júbilo extático e desespero anestesiante, pavor que o fazia querer morrer para não ter que suportar nem mais um segundo.

Cada sessão terminava da mesma maneira para todos os detentos: eles rastejavam e caíam no chão chorando e tremendo. Até o Lisca reagiu ao tratamento, embora seus olhos demonstrassem antes avidez que ruína.

Depois de três semanas, um homem não acordou. A adjutora ordenou aos detentos que esvaziassem as celas. Gabriel teve um vislumbre de um frangalho trêmulo amarfanhado em um beliche, com sangue escorrendo da boca. Quando retornaram, o homem tinha sumido.

— Tem alguma coisa estranha com você.

Gabriel, sentado em um banco, olhou para o alto. O Lisca estava falando com ele. O maluco não tinha falado com ninguém desde sua chegada. — Como assim?

— Cê não tá com tanto medo quanto era pra estar. — O Lisca sorriu. Seus dentes afilados não lhe emprestavam uma aparência alegre. — Os outros roubam sua comida. Te expulsam do beliche. Fazem você esperar pra usar a latrina. Você tá lá embaixo. Devia ter mais medo.

— Obrigado... acho — disse Gabriel, e engoliu outra colherada da gororoba sem gosto. Ninguém mais se aproximara da mesa desde que o Lisca sentara-se ali. Talvez Gabriel conseguisse comer uma tigela toda naquele dia.

**Coluna lateral: *Os detentos precisam se proteger o tempo todo. Considere cada momento de calma um campo de batalha e cada campo de batalha um momento de calma.* —**

**Preceito Nº 4 da Casa de Gelo**

— Não foi um elogio — disse o Lisca. Não havia malícia em suas palavras, mas uma curiosidade estranha. — Cê age como um fraco. Parece fraco. Mas não tá com medo. Então cê não é fraco de verdade. Tá se escondendo.

Gabriel suspeitava que o Lisca não aceitaria um não. — Acho que as coisas aqui ainda vão piorar muito antes de melhorar — disse. — Talvez eu leve vantagem se me subestimarem.

O Lisca não pareceu ouvi-lo. Ele encarava a marca roxa no braço de Gabriel. — Não precisava ter ganhado isso aí.

Era bem verdade. A pista estava cheia de robôs disparando balas de borracha. As máquinas se moviam lentamente, não podiam se esquivar nem abaixar e mal conseguiam acompanhar um alvo móvel. Devia ser a coisa mais fácil do mundo esquivar-se delas.

Então um robô projetou um holograma de uma criança. Não era sólido, nem sequer era bem renderizado, mas aquilo o assustou e o fez hesitar. O robô o puniu com um tiro no braço.

— Não pude evitar — disse, mas o Lisca deu aquele sorriso tétrico.

— Ah, você pode. Eu enxergo. Acho que eles não. — Ele apontou para o teto.

Gabriel riu. — Lisca, já te disseram que você é meio esquisito?

O Lisca deu de ombros. — Sou mesmo.

Kejora não tinha ficado ocioso. Todo dia ele observava seus prisioneiros, coordenava suas rotações, gerenciava a administração de nutrientes. Eles não percebiam que tinham comido dezoito tipos de refeição diferentes até aquele momento, cada qual uma mistura individual de esteroides, neutralizadores, inibidores hormonais e algo que no final podia ser considerado veneno. Os lotes eram distribuídos aleatoriamente, e embora a taxa de sucesso fosse alta, sempre havia um ou dois fracassos nos estágios iniciais do ciclo de treinamento.

Ele agora inspecionava a gravação da autópsia do prisioneiro Henisall. Enquanto observava a dissecação, falava com o médico à sua esquerda. — Então você não faz ideia do que o matou?

— Desconfio que tenha sido o lote dezessete, mas ainda não sei como.

— Ok, volte a usar o dezesseis, e não usaremos o dezessete até que se faça uma análise completa.

O médico aquiesceu e saiu da Central. Kejora voltou-se para as telas. Detentos faziam fila para ganhar a comida insossa.

Minutos depois, aconteceu uma cena que ele vira várias vezes nas últimas semanas, quando um detento chamado Polek tomou a comida de Feltz. Feltz deixara todas as vezes. Mas não daquela.

Kejora quase riu quando Feltz se ergueu do banco e acertou um golpe na nuca de Polek. Os dois se atracaram ferozmente, e comida e detentos foram ao chão. Gritos de encorajamento sacudiram o refeitório. Até os técnicos na Central pararam de trabalhar para assistir.

Kejora observou Feltz com atenção. As habilidades de luta do detento tinham melhorado, mas ele ainda ficava para trás. Provavelmente Polek brigava duas vezes por semana durante seus anos de formação. Feltz talvez jamais tivesse entrado em uma briga de verdade.

O golpe inicial de Polek acertou em cheio o rosto de Feltz, fazendo-o cambalear. Três socos rápidos, e Feltz desabou. Polek o prendeu ao chão. Feltz não teve muito mais chance depois daquilo. O oponente, mais pesado, afastou seus braços e começou a espancá-lo como um pedaço de massinha. Os detentos o incentivavam. Era um massacre.

Kejora não pôde conter uma careta. As diretrizes diziam que ele não deveria interferir. *Considere cada momento de calma um campo de batalha e cada campo de batalha um momento de calma.* Se Feltz não conseguia se virar, então não dava para exterminador mesmo.

**Coluna lateral: *Seu inimigo é seu melhor professor. Aprenda direito.* — Preceito Nº 5 da Casa de Gelo**

Por outro lado, Kejora havia criado aquelas regras. Concluiu que poderia perdoar a si mesmo.

Apertou um botão e sirenes se ativaram no refeitório. A luz amarela em frente ao microfone se acendeu. — Acabou o almoço. Voltem ao treinamento. — Lentamente, os detentos obedeceram, e Polek se ergueu com alguma relutância. Eles saíram da cantina em fila, deixando Feltz sozinho, imóvel.

Kejora voltou-se para um dos técnicos. — Eu quero que uma equipe médica vá lá buscá-lo para tratar dele. Quero que ele fale.

— Senhor?

— Korhal ainda não respondeu e eu estou cansado de esperar por respostas. Não era para aquele homem estar aqui. Quero saber quem foi que decidiu o contrário.

\* \* \*

Mil feridas disputaram a atenção de Gabriel no instante em que acordou, mas era uma dor longínqua, uma mera silhueta no horizonte. Ele se sentia bem, embora não conseguisse se mexer. Tiras de couro o prendiam bem a uma cama limpa demais para ser o seu beliche.

— Finalmente acordou.

Gabriel virou a cabeça na direção da voz. Tudo o que podia ver eram luzes bonitas cintilando ao redor de uma silhueta esmaecida. Uma silhueta esmaecida e *impossível*, que mudava a cada piscar de olhos.

— Por que você é uma maçã? Falta de educação da maçã sair virando cubos de gelo assim... — Gabriel deu uma risadinha.

A voz deu uma risada áspera. — Aproveita os analgésicos enquanto pode, Feltz. — Gabriel ouviu o suave zumbido de uma máquina e a sensação de paz se evaporou em um instante. A visão de mil cubos de gelo dançantes se tornou uma sala clínica fortemente iluminada onde estava o diretor Kejora.

— Melhor?

O coração de Gabriel bateu mais forte, e sua mente começou a girar. Ele se sentiu alerta, e a dor já não estava mais tão longe. — Não. Muito não demais.

— Vá se acostumando. É a mesma mistura que colocam nas injeções de esteroides, só que está mais diluída, numa proporção de seis para um, mais ou menos. Ajuda a se concentrar mesmo em condições desagradáveis. — O diretor sentou-se ao lado de sua cama. — Os detentos geralmente conquistam o direito ao tratamento médico quando exibem desempenho excepcional, Feltz. Você não está aqui por tempo suficiente para justificar seu tratamento. Estou quebrando as regras só para você.

— Fico lisonjeado.

— "Fico lisonjeado, *senhor*" — disse Kejora.

Por um instante, Gabriel pensou em desafiar Kejora. Foi um instante breve. — Sim, senhor.

— Minha equipe tem dúzias de teorias sobre quem você é, Feltz. — Os olhos de Kejora o perscrutavam sem cessar. — A única coisa em que concordamos é que você não é o tipo que acaba vindo para a Casa de Gelo. Pessoas inteligentes, concentradas e capazes de sentir empatia não pertencem a este lugar.

**Coluna lateral: *Nunca permita que seus inimigos o tranquilizem com falsidades.***

***Aprenda a desconfiar de engodos, e a ameaça verdadeira se revelará a você.*** —

**Preceito Nº 6 da Casa de Gelo**

Gabriel não pôde evitar o sarcasmo: — Desculpe decepcioná-lo, senhor.

— Como você veio parar aqui?

— Senhor?

O diretor inclinou-se. — Que crime você cometeu? Por que você está aqui?

— Você não sabe? — disse Gabriel, e acrescentou rapidamente: — Senhor.

— Finja que eu não sei.

— Sim, senhor. — Gabriel organizou os pensamentos. Sua história jamais precisara parecer tão verossímil quanto naquele instante...

— Meu irmão e eu fazíamos parte de uma nova colônia, há coisa de um ano e meio. No final, foi uma decisão bem ruim.

— A vida dos colonos é difícil mesmo.

— É uma vida *impossível* com a Supremacia comandando tudo. Primeiro, era a burocracia toda, depois baniram os suprimentos pessoais e, dois meses depois, mandaram metade da colônia à força para as minas só para que os descontentes ficassem retidos no subterrâneo catorze horas por dia. Meu irmão foi forçado a ir com eles; depois, ele sumiu.

O diretor aquiesceu. — Então você fez algo a respeito.

— Eu fui até o juiz para fazer algumas perguntas. Ele não quis me ouvir, então perguntei mais alto. Quando ele me expulsou do gabinete, acabei derrubando uma garrafa de uísque no terno dele. Os capangas caíram em cima de mim, e eu acordei no transporte para a Casa de Gelo.

O diretor Kejora o encarou, incrédulo. — Só isso?

— O senhor não acredita em mim.

— Eu acredito que um laçao colono poderia *querer* enviar alguém para cá só por causa de um terno sujo. Mas não acredito que ele *conseguiria*. — Kejora parecia perdido em pensamentos.

— Não é fácil vir para a Casa de Gelo, Feltz, e você não faz nosso tipo.

— Desculpe por manchar a reputação daqui, senhor. O que o senhor vai fazer a respeito?

Kejora sorriu. — Nada.

— Quê?

— A Supremacia precisa de Exterminadores. Só isso me interessa.

— Isso é... senhor... — gaguejou Gabriel.

— Chega disso, detento — disse Kejora. — Nós criamos exterminadores *do nada*. A maioria dos seus vizinhos nas celas não vale o custo do transporte até aqui, mas nós damos uma chance a eles mesmo assim. Talvez dez ou quinze por cento deles estejam à altura do desafio. O resto, não. E ninguém perde nada com isso.

— Mas você — continuou Kejora —, você não é imbecil feito os outros. Até hoje você tinha recuado das lutas que não podia vencer. Força bruta não é tudo. Se você se lembrar disso, vai se tornar um dos melhores agentes em serviço. Meus exterminadores receberam comendas dos comandantes mais respeitados da Supremacia. Meus exterminadores insuflam o terror nos corações dos inimigos a todo instante no campo de batalha, e sabe por quê?

— Porque fazemos o que for preciso — sussurrou Gabriel.

— Exatamente. — Kejora se levantou. — Lembre-se disso. Se quiser viver, treine e lute como os outros, e complete meu programa.

— É tão simples assim?

Kejora ignorou a ausência do "senhor". — Você estará pronto para o treinamento em dois dias. Sugiro que comece a fazer amigos que possam evitar que você seja espancado novamente.

Gabriel esperou que Kejora fosse até a porta. — Vou fazer o que for preciso, *senhor*. — Algo em seu tom de voz fez o diretor se voltar.

— Veremos.

Gabriel sentia as câmeras e sensores rastreando-o o tempo inteiro. Ele conseguiu evitar novos confrontos com Polek, e o Lisca o ajudou, metendo medo nos outros detentos e dissuadindo-os de atacar.

Depois de três meses, a adjutora o conduziu a uma sala que eles ainda não tinham visto. Era o mais próximo de uma gentileza que já tinham recebido na Casa de Gelo. Armaduras de combate se enfileiravam ao longo da sala longa e estreita. Menores e mais esguias que as CFCs dos fuzileiros, cada uma trazia um grande jato às costas. Embora estivessem inertes, as armaduras pareciam prontas para saltar. O Lisca sorriu ao vê-las.

Quando a adjutora ordenou que os detentos vestissem as armaduras, não houve piadas. Apenas avidez. Em minutos, a fase seguinte do treinamento começou, e a Casa de Gelo ficou ainda pior.

O primeiro desafio foi o jato dorsal. Os detentos não controlavam os propulsores no início; estavam sob o controle da adjutora, que parecia se deliciar em ligar os dispositivos nos piores momentos, arremessando homens contra o teto e as paredes até que aprendessem a manobrar. As concussões eram comuns. Dois recrutas morreram de fraturas no crânio.

Começaram a treinar com novas armas. A pistola gauss P-45 "Foice" era um pequeno monstro cuspidor, e a armadura mal aguentava o coice. A pista de tiro foi reduzida a frangalhos. Vários detentos foram alvejados pelos colegas.

Quando finalmente atingiram 75% de precisão, a adjutora os felicitou. Então lhes pediu que usassem duas pistolas ao mesmo tempo.

Por último, veio a carga explosiva D-8, projetada para desintegrar estruturas. Tinha poder mais que suficiente para fazer pedacinho dos mais incautos. Preparação e descarte de bombas eram os objetivos, mas as condições eram extremas e impiedosas: ruídos altos, escuridão total ou luz cegante, salas sem gravidade. Ferimentos e baixas começaram a se acumular rapidamente.

Os detentos continuaram a lutar. Alguns morreram em ação; outros foram encontrados mortos, como Henisall; alguns se suicidaram. Gabriel persistiu. Não havia escolha.

Kejora tinha um novo hábito em sua rotina. Antes de apagar as luzes, ele passava em revista os vídeos do treinamento de Gabriel Feltz. Não sabia explicar o porquê. Bom, sabia, mas não estava pronto para admitir.

Os últimos dois anos no sistema Tórus tinham sido produtivos e satisfatórios. Uma vez fora da Casa de Gelo, os exterminadores iam aonde eram necessários, protegendo os interesses da Supremacia com fogo e morte. Medalhas e comendas, muitas delas póstumas e secretas, chegavam até a Casa de Gelo, e os nomes dos que as recebiam se juntavam à lista crescente de histórias de sucesso.

Mas nunca antes um homem inocente fora entregue à Casa de Gelo, e Kejora observava e se preocupava. Era uma ameaça, uma ameaça bem simples. E se alguém descobrisse? E se a

história de Gabriel Feltz, o jovem colono incrivelmente azarado, chegasse ao Jornal da Noite da UNN? Até os ratos da imprensa arriscariam incorrer na fúria de seus superiores para obter um furo tão bom.

Um vazamento de informação não era improvável. Alguém já havia violado o protocolo, pois não era para Feltz ter ido parar ali. Kejora ainda não havia rastreado o responsável. O juiz não retornara suas ligações, e os registros do computador sugeriam que ninguém tinha realmente dado a ordem de transferência.

As mensagens dos técnicos também não ajudavam. A personalidade de Feltz era o fulcro em redor dos quais surgiam debates acirrados. Seu comportamento mudara. A atitude solitária desaparecera. Ele estabelecera um vínculo com outros, especialmente com Lords — o que se autodenominava "Lisca". Os dois comiam juntos em todas as refeições, juntavam-se durante exercícios e rodadas de *sparring*. Para a maioria dos observadores, eles tinham se tornado amigos chegados.

Kejora deixou que os técnicos especulassem; ele não lhes contara sobre o conselho que dera ao recruta. Feltz sabia que se aproximar do homem mais assustador da Casa de Gelo mantinha afastadas as atenções pouco amigáveis.

Mas... Feltz estava melhorando. Drasticamente. Mais do que isso, ele estava demonstrando aptidão incomum para a estratégia. Potencial para liderança. E se ele se unisse às fileiras de Exterminadores?

*Ele seria uma cobaia bem-sucedida*, compreendeu Kejora. Feltz seria a prova viva de que o programa de Exterminadores precisava de recrutas inteligentes e habilidosos, e não de refugos defeituosos da humanidade, de quem era preciso espremer as últimas gotas de valor. Os Exterminadores já eram bastante procurados para ação nas linhas de frente, mas, se pudessem

ser ainda melhores, cada comandante da Supremacia exigiria que Kejora recebesse uma classe melhor de recrutas.

Assim, se Feltz saísse vitorioso, traria uma nova era de guerra da Supremacia.

Kejora fez suas anotações finais e fechou o arquivo de Feltz. A última fase de treinamento do grupo atual de detentos começaria naquele dia. — A formatura — disse ele, e sorriu.

Ele deu as ordens para a equipe da Casa de Gelo.

— Exames finais aprovados. "Batizem" o próximo lote de comida e ativem todos os predadores em duas horas. É hora de esquentar a Casa de Gelo.

— Tem alguma coisa errada, cara.

Gabriel sorriu para o Lisca. — Tem dois dias que você diz isso.

O Lisca enfiou outra colherada da massa bege na boca. — Cê sabe do que eu tou falando.

Gabriel tinha que admitir que o Lisca provavelmente estava certo. O treinamento deles atingira um patamar estável. Tiveram tempo até para dormir decentemente dois dias seguidos. Aquilo não podia ser bom sinal.

O Lisca bateu com a palma da mão na mesa, fazendo a tigela quase vazia quicar. — Não vou aguentar muito mais disso.

Gabriel se encolheu instintivamente. — Eu sei.

— Sabe nada! — O Lisca pulou, rugindo. — Nenhum de vocês sabe. Muito menos você! Eu vou te matar primeiro, agora mesmo!

Gabriel se levantou cambaleando e se afastou. Aquele não era o Lisca de sempre. Se ele não calasse a boca, Gabriel teria que chutar os dentes dele, arrancar-lhe a cabeça e depois começar a desmembrar os outros recrutas até que ele e apenas ele sobrevivesse...

*O quê?* Gabriel ficou subitamente lúcido outra vez.

A loucura invadiu todo o refeitório. Punhos se cerraram, rostos se contorceram de raiva. Começou com um empurra-empurra, seguido de agarrões; em segundos, os socos voavam. O Lisca parecia ter perdido a concentração, procurando loucamente alguém com quem lutar e rilhando os dentes.

Gabriel olhou para sua tigela. *A comida. É claro.* Tinha que ser coisa de Kejora. A fúria queimava como ácido em seu peito, e seus lábios formaram uma careta involuntária. Kejora pagaria por isso. Com sangue. Por tudo: pelo treinamento e os mortos... e especialmente por Dennis...

*Pare com isso!* Gabriel conteve a raiva com pura força de vontade. — Lisca! Fica calmo! Fica calmo, é a comida, é a comida!

O Lisca não o ouviu. Ele caminhava em um círculo apertado, como se estivesse em uma jaula. Gabriel o agarrou pelos braços.

— Eles puseram alguma coisa na comida! — O Lisca sacudia a cabeça, mas Gabriel insistiu. — Não tem zergs aqui, tá vendo? Não tem nada pior que os zergs! Você mesmo me falou!

Os olhos do Lisca focaram nele. — É... — conseguiu dizer. — Nada pior que os zergs...

Gabriel quase desmaiou de alívio. Então, Kejora os queria assustados e zangados, mas ainda capazes de se controlar. Só podia ser parte de um teste novo. O que viria depois?

O refeitório se esvaziava. Os detentos se dirigiam para as saídas, gritando agitados. Vários prisioneiros se demoravam, e Polek era um deles. Gabriel arrastou o Lisca até ele, ignorando a voz furiosa em suas veias. — Temos que sair também.

Polek fez uma careta de desdém. — E quem é que presta atenção no que você diz, pivete?

Gabriel apontou com o polegar por cima do ombro. — Você quer acabar como eles?

Sete detentos tinham reagido muito, muito mal. Quatro já estavam mortos, vítimas de pancadas na cabeça. Outro estava com as mãos sobre o rosto arruinado. Os últimos dois tentavam estrangular um ao outro. Até Polek parecia doente.

— Vamos. Temos que sair daqui. — Gabriel os conduziu para fora dali.

Eles saíram do caos da cantina e viram que as luzes dos corredores piscavam. A voz da adjutora ressoou pelo complexo. — Todos os aspirantes, sigam para o arsenal, baias de 1 a 8, e preparem-se para o combate. Isto não é um teste. Repetindo...

— Agora a gente virou polícia? — perguntou alguém.

Gabriel olhava de um lado a outro, alerta para novas ameaças. — Isso ainda é treinamento. Fiquem atentos.

— Ei! Ouviram isso?

Som de garras de aço batendo no chão.

Alguma coisa rastejava mais adiante. Em aparência e movimentos, lembrava um gato, mas era uma máquina do tamanho de uma hovermoto Abutre. Virou a cabeça em formato de bala na direção dos detentos e abriu a bocarra metálica. Um grito de fazer gelar o sangue perfurou seus ouvidos.

— Corram!

Eles correram pelos corredores, ouvindo o tropel de patas de metal logo atrás. Um homem cometeu a tolice de olhar para trás. A fera mecânica o agarrou no instante seguinte, e suas mandíbulas se cravaram em seu torso.

***Coluna lateral: Conduza o ritmo da batalha. Não deixe alternativa aos seus inimigos senão enfrentar você da maneira que você escolheu. — Preceito Nº 7 da Casa de Gelo***

Os outros se controlaram e continuaram a correr até verem as portas do arsenal à frente. Atiraram-se pela abertura como se ela fosse a entrada para o paraíso.

— Fechem as portas.

As portas começaram a se fechar, demasiadamente lentas. A máquina ficou presa no vão, incapaz de abrir caminho, mas sua cabeça ensanguentada ficou para dentro, estalando a boca terrível. Por fim, Polek pegou uma arma de uma das prateleiras e a esvaziou no robô, esfacelando-o feito papel.

Antes que Polek pudesse se gabar, Gabriel apontou para trás dele. — Tem mais! — E, de fato, uma matilha inteira dos monstros corria em sua direção. Gabriel afastou os restos do gato robô e as portas se fecharam. Houve uma batida do outro lado, seguida do som de metal sendo

arranhado. Uma cacofonia de rugidos abafados que faziam pensar em todas as feras imagináveis vinha da porta.

— E agora? — perguntou o Lisca.

Gabriel olhou para o arsenal, para as armaduras de exterminador, as pistolas, as cargas D-8, até para os kits especiais de injeção de esteroides.

— E agora? Nós faremos o que for preciso.

Kejora olhou para os números que os técnicos informavam. Quatro aspirantes mortos no primeiro minutos. 12 mortos no final dos primeiros dez minutos. Já tinha havido começos piores.

A comida batizada funcionara. Ele suspeitara que Gabriel Feltz morreria logo no início, e se surpreendeu ao ver os outros sobreviventes tão dispostos a acertar sua liderança. Os dados do treinamento seriam bem interessantes.

Kejora juntou as pontas dos dedos e observou os monitores. Dezenas de recrutas lutavam para sobreviver na Casa de Gelo, enquanto os funcionários se escondiam em salas secretas. A porta para a Central dava no corredor central, mas este tinha sido fechado bem antes do início do exercício, inacessível a aspirantes e máquinas.

Os detentos começavam a sair dos arsenais. Agora era a hora da prova verdadeira: dezenas de predadores que existiam apenas para atacar qualquer coisa com pulso.

Um monitor chiava enquanto os aspirantes saíam pelos corredores. Feltz apareceu vestindo a armadura RP17, perfazendo quarenta homens armados e prontos para lutar. Um terço deles

vagueava sozinho; não duraria muito quando chegasse a próxima onda de robôs. Havia coisas piores que gatos mecânicos à sua espera.

— Aqui não tem zergs!

Outra criatura robótica em forma de hidralisca apareceu golpeando com seus dois membros falciformes. O Lisca disparou, gritando feito uma criança. Não parou nem quando a coisa desabou e desfez-se em pedaços.

— Não tem zerg! Não tem zerg aqui!

Os demais deram de ombros e continuaram atirando. Não havia tempo para acalmar o Lisca. Havia zergs falsos demais para matar.

A saída do arsenal tinha sido bem-sucedida, mas as máquinas logo recompuseram suas forças. Não havia escolha a não ser correr, pular, mergulhar e atirar, disparando contra qualquer coisa que se movesse. Gabriel e sua equipe deixavam uma trilha de carcaças e pedaços de metal atrás de si.

Os robôs eram lentos, desajeitados e despreparados demais para detê-los. Embora seu corpo doesse e seus pulmões protestassem, Gabriel estava adorando. Kejora não estava de brincadeira quando falou no desafio. Era difícil, mas possível. Gabriel conseguiria.

Mas havia algo a ser feito antes. Ele começou a atirar contra o teto.

Kejora encarou as telas, subitamente apagadas. — O que aconteceu?

— Os sensores do corredor pifaram. Não conseguimos ver nada na seção L4.

O diretor praguejou. Era onde Feltz estava.

— Senhor, um grupo de armaduras sumiu.

Kejora olhou para os dados. Uma das armaduras era a RP17. — Morreu?

— Não temos informação. Dados zerados.

— Bem, intendente — disse Kejora, com paciência deliberada —, você pode me dizer o que os dados diziam *antes* das armaduras sumirem da monitoração?

— Batimentos cardíacos e pressão sanguínea acelerada, agitação considerável... nada incomum.

*Para este exercício, não é mesmo.* Kejora sacudiu a cabeça.

— Alguma irregularidade na armadura RP17 antes de ela sumir?

— Não, senhor, nada sério.

Kejora inspirou profundamente. — "*Nada sério*"? Pode tratar de me explicar?

O intendente engoliu em seco e sua testa começou a porejar suor.

— S-sim, senhor. Ele recarregou as armas antes do blecaute, e seus batimentos cardíacos desaceleraram um pouco — disse o técnico. — Ele estava calmo. Não acho que tenham sido emboscados...

— *Shh!* — Kejora fez um gesto irritado com a mão. O técnico felizmente calou a boca, e Kejora se ergueu de ouvidos atentos. Ele podia jurar ter escutado um chiado na entrada da Central, um chiado que parecia...

... uma injeção de esteroides sendo aplicada.

Kejora derrubou a mesa e se agachou atrás dela. — Abaixem-se!

O rugido de duas pistolas gauss preencheu a sala, e a mesa tremeu quando as balas a atingiram. Os técnicos gritavam e morriam; o cheiro de cobre e cordite impregnava o ar.

Kejora sacou a arma — apenas uma pistola semiautomática, mas era melhor que nada — e esperou que o caos diminuísse. Gemidos lhe disseram que alguns técnicos ainda estavam vivos, mas teriam que cuidar de si mesmos por ora. Já imaginava quem estaria lá fora.

— Feltz?

O aspirante riu, e sua voz parecia enlouquecida de adrenalina e banho químico. — Sim, senhor, senhor diretor, senhor, se apresentando pro serviço, senhor.

— Foi uma emboscada decente, Feltz. Mas terei que tirar alguns pontos por você ter entregado sua posição. O sistema de injeção de esteroides produz um som alto, mesmo em combate. Mas uma nota alta, no geral. — Os efeitos dos esteroides duravam apenas alguns segundos. Se Kejora conseguisse enrolá-lo mais um pouco...

— Vindo do senhor, isso significa muito. — Mais uma salva ensurdecadora de tiros fez a Central estremecer.

**Coluna lateral: *Inimigos devem ser confrontados e destruídos com eficiência. O método não importa. Use a faca, a arma, a bomba ou os punhos. Jamais hesite.* — Preceito Nº 8 da Casa**

### **de Gelo**

Kejora enfrentou a situação com tranquilidade. Em meio ao caos, ele ouviu passos pesados; Feltz se movia para flanqueá-lo. O diretor atirou às cegas com o braço por cima da mesa, sem ousar expor a cabeça para tentar dar um tiro melhor.

Os passos pararam ao lado de uma fileira de computadores recostados na parede mais distante. Pentes vazios caíram no chão.

— Você errou, diretor.

— Parece que sim. — Kejora recarregou a pistola. — Está insatisfeito com alguma coisa, Feltz?

— Estou insatisfeito a respeito do meu irmão, *senhor*.

O diretor lembrou-se da conversa que tiveram na ala médica. — O que sumiu. E o que tem ele?

— Eu meio que não contei a verdade, diretor — disse Feltz. — Meu irmão não sumiu. Eu sei onde ele está. Ou melhor, onde ele estava.

— É mesmo? — Kejora precisava estender a conversa o máximo possível. Os tiros na Central tinham ativado uma dúzia de alarmes silenciosos. Equipes de segurança logo convergiriam de todos os pontos da Casa de Gelo.

Mas ele percebeu que eles ainda demorariam. Com a prova final, não havia um caminho livre até a Central. Para avançar, eles teriam que lutar os mesmos inimigos que os aspirantes estavam enfrentando.

Kejora achava que dificilmente conseguiria impedir que Feltz o matasse antes de os outros chegarem.

— O meu irmão veio para cá, diretor. Na casa de Gelo, sob os seus gentis cuidados. — Dois cliques ecoaram pela sala: Feltz estava colocando uma bala em cada arma. — Custou muito tempo e dinheiro para conseguir essa informação. *Muito*. Você nem imagina.

— Você pode pedir um reembolso? É o primeiro Feltz que veio para cá.

As palavras do Exterminador soavam altas acima do barulho distante do combate. — Não vê a semelhança física? Não vale a pena lembrar dos que morreram no treinamento? Não me surpreende.

— Eu me lembro de cada detento.

— Até dos fracassados? Dos que não conseguiram ser úteis?

— Especialmente deles.

A voz de Feltz ficou fria feito gelo. — O nome do meu irmão era Dennis Staton.

Dennis Staton? Ele tinha morrido ainda na primeira semana de treinamento; o lote sete fizera-lhe mal, e alguns dos seus órgãos vitais se liquefizeram. Não fora uma grande perda. Dennis Staton tinha sido um aspirante apagadiço e inútil.

Kejora decidiu passar por cima dos detalhes. — Eu dei uma chance ao seu irmão. A mesma que você teve. Só que não funcionou.

— Meu irmão *nunca* teve nenhuma chance — disse Feltz. O efeito dos esteroides tinha passado. A saturação química fazia sua voz tremer, mas as palavras ainda eram venenosas. — Nunca recebeu chance nenhuma, nem de você nem de ninguém.

— Você está enganado.

— Eu sabia no que estava me metendo. Eu estava *preparado*. Ele não. — O zumbido dos jatos do Exterminador ficou mais agudo. Feltz se preparava para agir. — E você também não. O Ceifador chegou. É hora do troco.

— Troco? Pelo quê? — Kejora apertou a pistola com força. — Ele ia ser executado, Feltz...

— Meu nome é Staton.

— Seu irmão era um criminoso, Staton, e não era muito esperto. Se ele tivesse um pingão do seu autocontrole, teria só passado umas duas semanas preso por furto — disse Kejora. — Em vez disso, ele matou dois civis por um punhado de créditos e não conseguiu fugir nem por três quadras antes de os policiais o prenderem.

— Ele era meu irmão. Merecia mais do que esse seu inferno pessoal.

— Meu inferno pessoal *funciona* — Kejora olhou para a sala, procurando uma saída. Só havia opções ruins, caminhos expostos. — Diga que não. Diga que eu não transformei você em um dos assassinos mais eficientes da galáxia.

— Parabéns por um trabalho bem feito, Diretor — disse Feltz. Os jatos em sua armadura zumbiam de forma inacreditavelmente alta naquele espaço fechado. — Toma aqui um presentinho como forma de agradecimento.

Kejora fechou os olhos. A mesa não o protegeria por muito mais tempo contra tiros contínuos. Não havia possibilidade de fugir sem topar com Feltz e sua linha de tiro.

Não havia saída.

O som ensurdecedor de uma pistola gauss preencheu a Central, e a superfície da mesa estremeceu e cedeu sob o impacto das balas. Uma outra P-45 abriu fogo.

E uma terceira. E uma quarta.

*O quê?*

O barulho cessou e Kejora ouviu uma armadura caindo no chão.

Ele permaneceu agachado.

— Diretor?

Era uma voz diferente e familiar. Kejora sorriu. — Lords?

Fumaça subia das duas pistolas gauss do Lisca. — Sim, senhor.

— Bom trabalho, aspirante. — Kejora se ergueu.

Feltz — não *Staton*, ele sempre seria *Feltz* na memória de Kejora — estava tombado de lado; havia buracos de bala nas costas de sua armadura. Kejora ajoelhou-se perto de Feltz e removeu com cuidado a máscara e capacete do aspirante. Sangue arterial brilhante espumava a cada respiração arquejante, cada uma mais fraca que a anterior.

Os olhos de Feltz exibiam choque e confusão. Ele tentou virar a cabeça na direção do Lisca, e uma pergunta sem palavras borbulhou em sua garganta.

Kejora deu tapinhas no ombro de Feltz. De certa forma, o aspirante superara completamente todas as expectativas para o programa ao burlar a segurança da Casa de Gelo — ainda por cima com a mente atrapalhada pelas drogas numa situação de combate. Ele localizara e encurralara o alvo, superando inumeráveis sistemas de segurança projetados para impedir justamente aquilo.

Era prova de que a Casa de Gelo funcionava com aspirantes melhores. Se Kejora levasse essa ideia até o próprio imperador Mengsk, no mês seguinte teria uma classe melhor de detentos. O currículo necessitaria de alguns ajustes, claro, mas isso era esperado.

O outro exterminador encarou Feltz com uma expressão curiosa no rosto. — Por que eu fiz isso, senhor? Eu acho que ele era meu amigo.

Você é um exterminador, Lords — disse Kejora.

O Lisca ruminou aquilo em silêncio e observou os olhos de Feltz se apagando. Por fim, concordou.

— Eu faço o que for preciso.

***Não há verdade a não ser na vitória. Todo o resto é pó, facilmente varrido para longe. —***

**Preceito Nº 9 da Casa de Gelo**